

BORGES, Marana. **Mobiliário para uma fuga em março**. 1ª ed. Porto Alegre: Dublinense, 2021. 400 p.

Gloria Castagnino<sup>1</sup>

## Uma fuga do muro, do carretel e da casa

XXXX XXXXXX

Segundo Gaston Bachelard, a imagem da casa pode adquirir várias formas no imaginário humano e é passível de aprofundamento. A casa por si própria escava e se enraíza no solo, solicitando ao ser humano aprofundar-se também, dando a esse um possível sentido para o oculto, para o secreto. Porém, a casa que é um esconderijo é, dramaticamente e ao mesmo tempo, um cárcere (Bachelard, 2019). Uma revelação similar se desenrola em **Mobiliário para uma fuga em março** - primeiro romance de Marana Borges, que lhe rendeu o prêmio Minas Gerais de Literatura e a levou à semifinal do prêmio Oceanos. A aproximação a Bachelard se dá quando a narradora-protagonista volta à casa de sua infância e empreende um inventário que supera o âmbito material dos espaços e objetos.

Se “uma casa é um ventre com o mundo dentro” (Borges, 2021, p. 95), todas as relações que nela se desenvolvem, dela fazem parte. Sejam elas entre a narradora e os outros habitantes da casa, a mãe e o irmão, ou com a própria casa. Relações que nunca são completamente explicitadas pela narradora, mas antes propositalmente abertas a interpretações. Em suas entrelinhas dá-se a ver uma mãe rígida e cruel, que cancela as lições de teclado de ambos porque o caçula simplesmente não as quer mais, embora a protagonista goste e toque bem. Ou que favorece sempre o irmão, inclusive na partilha da comida. Pequenas hostilidades que não se limitam à preferência materna pelo caçula, a mãe também veladamente critica a aparência da filha. No entanto, a matriarca tem cuidados com as enxaquecas da protagonista, mostrando certos toques de doçura e consideração.

Entrevê-se também uma relação dúbia com o irmão, de apoio na infância e afastamento durante a adolescência. A relação de cumplicidade, evidenciada nos breves toques de mãos e no ato de o irmão juntar sua cama com a da irmã por medo do escuro, vai minguando à medida que ele cresce e se torna apto a sair da casa. Ao final dessa cisão, ele já não parece precisar da irmã e passa a ter outros amigos e interesses fora da casa – um dos primeiros sinais de que a fuga do caçula talvez seja possível.

A possibilidade de mais que um amor fraternal é sugerida pela narradora, que evasivamente relata haver casos semelhantes, de irmãos com irmãs. Porém, sem esclarecer a que tipo de casos se refere. Possibilidade reforçada pela desconfiança materna, que separa os irmãos em dois quartos, e cujo bordão para censurar comportamentos normais

<sup>1</sup>Graduanda em Letras – Português e Inglês – Licenciatura do Centro Universitário Sagrado Coração – Bauru/SP. Resenha realizada para a disciplina Literaturas de Língua Portuguesa IV, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo dos Santos Zago.

da protagonista é “para de se insinuar” (Borges, 2021, p. 104). Os olhos da mãe são apontados como o elemento de vigília dessa latente relação entre os irmãos, mas que podem não ter sido o suficiente: “Mas os dela eram olhos vazados [...] / mas não, não puderam ver nossos [...]” (Borges, 2015, p. 215).

A narrativa se desenrola aos poucos, por meio de fragmentos extraídos das memórias da protagonista. O foco permanece em um passado mais longínquo, quando a família morava em uma casa em São Paulo. Costurado com um passado mais próximo, a fuga da protagonista para Lisboa, e o presente da volta à casa de infância para o inventário. A partir de certo ponto, a narrativa assume um caráter mais cronológico, delineando essa sucessão de eventos. A justaposição dos tempos e o uso do presente na construção do texto parecem criar uma tensão entre certo progresso cronológico do enredo e a manutenção da presença soberba da casa, do passado, em todas as fases da narrativa.

Para dar conta do inventário físico e imaterial, a memória e os fragmentos extravasam o quesito temático e implodem a forma do romance. A obra se compõe em blocos, que podem ser constituídos por um período, um parágrafo, ou vários – e nem sempre com um fio condutor a uni-los. Como a memória, a comunicação também tem falhas, e parece não conseguir dar forma ao que a protagonista quer dizer:

Farei o registro do que aconteceu nesta casa mas respeitando quem não quer falar e quando abeirar-se o nome exato da catástrofe então rebentando o verbo quebrando a sintaxe o metro rompendo tropeçando nas caixas afastando em verso o que a vida testemunhou no tato. (Borges, 2021, p.334)

Inserindo, em meio à prosa, versos livres e espaços vazios, silêncios, parece que a narradora tenta a aproximação aos feitos, contar “o nome exato da catástrofe”, por todos os meios possibilitados pela forma de comunicação escolhida, a literária. E se misturar os gêneros lírico e romanesco não for o suficiente, ela subverte a sintaxe, adotando uma pontuação esparsa ou excessiva para compor o clima ambíguo, confuso e fragmentário de suas memórias. A esperada distância do que foi vivido não se concretiza pela utilização desses recursos, e o romance se dobra à narrativa em primeira pessoa e à presença da casa, que cresce e torna-se personagem.

Casa, mãe e irmão – quanto representação do passado – tecem seus fios ao redor da protagonista, impossibilitando a partida, a fuga almejada por ela. A mãe vive com a ilusão de uma casa na praia, a narradora vai para Lisboa, e o irmão se muda para os Estados Unidos. Somente ele obtém um aparente sucesso na fuga e no corte dos laços com o passado. Recorrem no romance as caixas, que guardam os pertences deixados para trás pela família na casa, mas cujas tampas são sempre mal ajustadas ou ausentes, e podem ser entendidas como uma impossibilidade de compartimentalização do passado. Nesse inventário, parece não ser possível guardar os objetos físicos, como os sapatos e os vesti-

dos, nem organizar ou aceitar os intangíveis, como as memórias e as pessoas. A narradora carregará o sentimento de desajuste e o passado que vaza por ele, pelas casas em que tenta habitar em Lisboa, sempre enxergando a casa de infância em todas elas.

Não parece haver possibilidade de superação do passado em **Mobiliário para uma fuga em março**. Personificado na casa, essa âncora na vida da narradora, o pretérito assume duas outras facetas, em uma imagem que une e outra que separa. Os carretéis, que abastecem a máquina de costura da mãe, podem ser interpretados como uma ligação da protagonista ao local de origem. Pouco importa quanto a narradora estique sua linha, o seu carretel está ainda no passado, na casa da infância.

Para além das “linhas tortas e carretéis”, elementos característicos da casa, destaca-se o muro como presença obstrutora da fuga. Construído nos fundos da casa de São Paulo, a sua ameaça pode ser entendida como complementar a dos carretéis. Se estes a unem ao passado, o muro a separa da enormidade do mundo, vastidão em que poderia ser livre, ser quem quisesse se tivesse coragem de saltar o muro e de cortar as linhas dos carretéis.

Porém, enquanto não houver o enfrentamento com o passado, não há fuga possível. Enclausurada interna e externamente, pelos carretéis e pelo muro que sempre vêm à tona pela memória, a narradora também está presa em sua própria narrativa, porque “toda forma é cárcere” (Borges, 2021). Mesmo uma que rompe por todos os meios com a forma, ao inserir versos livres na prosa, representar os silêncios com espaços em branco na página e organizar seu relato em blocos de texto. A casa-passado assume a faceta de literatura, como se fosse ainda mais intransponível, pois “todo avanço é para sempre um recuo. Qualquer um que tente restituir o passado sem prudência acaba por enterrar-se” (Borges, 2021, p. 352). Enterrada em suas memórias e sentimentos, a narradora busca ordenar, inventariar o acontecido por meio da literatura. Mas a tarefa sobra para o leitor, que vai alinhavando os fragmentos de uma fuga que parece nunca realmente ocorrer.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios do Repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019. (Coleção Biblioteca do Pensamento Moderno)

BORGES, Marana. **Mobiliário para uma fuga em março**. Porto Alegre: Dublinense, 2021.